

Análise morfológica de sinais da libras que nomeiam bairros de Curitiba

Morphological analysis of Libras signs that name Curitiba's neighborhoods

André Nogueira Xavier¹

Daiane Ferreira²

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma análise morfológica de sinais da libras que nomeiam 51 dos 75 bairros curitibanos. Objetivamos, com isso, identificar os processos de criação lexical através dos quais tais topônimos foram formados. O *corpus* deste trabalho foi constituído a partir de sinais coletados por Ferreira e Xavier (2019) e de vídeos disponibilizados no canal do Youtube do CAS-Curitiba. Dessas fontes levantamos 75 formas toponímicas e variantes fonológicas para sete delas. Analisamos essas formas com base em trabalhos sobre processos de criação de palavras em línguas orais (VELUPILLAI, 2012) e em línguas de sinais (MEIR, 2012). Como resultado, atestamos, além de variação morfológica, referente à estrutura do topônimo, simples ou composta, variação lexical, decorrente da existência de diferentes nomes, que não compartilham a mesma raiz, para um mesmo bairro. Somando-se a isso, identificamos 16 diferentes padrões de formação lexical e, à luz de Frishberg e Gough (1973), propusemos quatro famílias toponímicas, ou seja, quatro conjuntos de sinais que compartilham entre si um mesmo ponto de articulação, e, presumivelmente, um mesmo aspecto semântico relacionado a ele.

Palavras-chave: *Topônimos; Libras; Morfologia.*

ABSTRACT

This work presents a morphological analysis of Brazilian Sign Language signs that name 51 of the 75 Curitiba neighborhoods. With this, we aim to identify the lexical creation processes through which such toponyms were formed. Our corpus was constituted from data collected by Ferreira and Xavier (2019) and videos made available on CAS-Curitiba's YouTube channel. From these sources, we collected 75 toponymic forms

1 Professor Doutor do Curso de Letras Libras da Universidade Federal do Paraná. andrexavier@ufpr.br

2 Professora Mestre do Curso de Letras Libras da Universidade Federal do Paraná. daiatmaufpr@gmail.com

and phonological variants for seven of them. We analyzed those forms based on works on word-formation processes in spoken languages (VELUPILLAI, 2012), as well as in signed languages (MEIR, 2012). As a result, we have attested, in addition to morphological variation, related to the toponym structure (simple or compound) lexical variation, due to the existence of different sign names, which do not share the same root, for the same neighborhood. We have also identified 16 different patterns of lexical formation and, in the light of Frishberg and Gough (1973), proposed four toponymic families, that is, four sets of signs that share the same articulation place, and, presumably, a semantic aspect related to it.

Keywords: *Toponyms; Brazilian Sign Language; Morphology.*

Segundo Hockett (1960), uma das mais importantes propriedades das línguas é a *produtividade*. Ela permite que, por meio de novas combinações de elementos linguísticos já existentes, os falantes digam coisas que nunca foram ditas ou ouvidas antes. Em outras palavras, a produtividade confere aos falantes a possibilidade de falar sobre novas realidades ou simplesmente falar sobre realidades já conhecidas de formas diferentes. Embora com essa caracterização essa propriedade pareça se restringir à sintaxe, sabemos que ela se aplica também a outros domínios da estrutura linguística. Na morfologia, por exemplo, a produtividade se manifesta através da criação de novas palavras que, de maneira geral, se dá por meio da derivação e da composição³. A diferença entre esses processos reside no fato de que palavras derivadas resultam da modificação de lexemas, enquanto palavras compostas resultam da amalgamação de mais de um deles (VELUPILLAI, 2012, p. 115).

Velupillai (2012) enumera e exemplifica vários mecanismos derivacionais através dos quais novas palavras são criadas nas línguas orais.

³ Além desses mecanismos internos, as línguas podem expandir seus léxicos por meio de empréstimos, ou seja, da incorporação de itens lexicais de outras línguas (CARVALHO, 2009).

Entre eles, a autora cita a *afixação*, que consiste no acréscimo de morfemas presos antes (*prefixação*), no interior (*infixação*), após (*sufixação*), antes e após (*circumfixação*) e antes e no interior (*parafixação*) de lexemas. Além da afixação, ela menciona como mecanismos de formação de palavras a *reduplicação*, que consiste na cópia total ou parcial de um lexema; a *apofonia*, que diz respeito à mudança da vogal e/ou da consoante de um lexema; a *modificação prosódica*, que envolve a mudança de acento; a *subtração*, o *truncamento*, o *clipping* e a *formação regressiva*, que se referem a algum tipo de apagamento⁴, o *blend*, que consiste na fusão de duas palavras; e a *conversão*, também chamada de *derivação zero* ou *derivação imprópria*, que diz respeito a casos de mudança na classe de uma palavra sem alterações em sua forma. O Quadro 1 lista todos esses processos e reproduz exemplos de diferentes línguas citados por Velupillai (2012) para ilustrá-los.

Quadro 1 – Tipos de derivação

Tipo de derivação	Língua	Lexema primitivo	Lexema derivado
Afixação	Prefixação	Inglês	<i>happy</i> ‘feliz’
	Infixação	Leti	<i>kakri</i> ‘chorar’
	Sufixação	Inglês	<i>happy</i> ‘feliz’
	Circumfixação	Indonésio	<i>bebas</i> ‘livre’
	Parafixação	Leti	<i>natu</i> ‘enviar’
Reduplicação	Total	Erromango	/unmeh/ ‘cedo’
	Parcial	Thao	<i>kishkish</i> ‘barbear’
Apofonia (mutação da base)	Inglês	<i>break</i> [eik] ‘quebrar’	<i>breach</i> [i:tʃ] ‘quebra’
Modificação prosódica	Inglês	<i>permit</i> ‘permissão’	<i>permit</i> ‘permitir’
Subtração	Francês	<i>petite</i> /pøtit/ ‘pequena’	<i>petit</i> /pøti/ ‘pequeno’
Truncamento	Inglês	<i>evacuate</i> ‘evacuar’	<i>evacuee</i> ‘evacuado’
Clipping	Inglês	<i>telephone</i> ‘telefone’	<i>phone</i> ‘fone’
Formação regressiva	Inglês	<i>baby-sitter</i> ‘babá’	<i>baby-sit</i> ‘cuidar de criança’
Blend	Inglês	<i>motor</i> ‘motor’ + <i>hotel</i> ‘hotel’	<i>motel</i> ‘motel’
Conversão (derivação zero)	Inglês	<i>bottle</i> ‘garrafa’	<i>bottle</i> ‘engarrafar’

Fonte: Exemplos de Velupillai (2012, p. 91-92)

4 A subtração consiste no apagamento previsível de parte da raiz (fr. *petite* ‘pequena’ > *petit* ‘pequeno’); o truncamento, na realização desse apagamento antes do acréscimo de um sufixo (ing. *evacuate* ‘evacuar’ > *evacuee* ‘evacuado’); o clipping, no apagamento de uma parte de uma palavra e por meio disso na geração de uma palavra sinônima (ing. *telephone* ‘telefone’ > *phone* ‘fone’). Por fim, a formação regressiva consiste no apagamento de uma parte da palavra que pode não ser originalmente um morfema para criar outra palavra (ing. *baby-sitter* ‘babá’ > *baby-sit* ‘cuidar de crianças’).

Já em relação aos compostos, a referida autora menciona que eles podem ser de pelo menos cinco tipos, a saber, raiz, endocêntricos, exocêntricos, copulativos ou coordenados, e sintáticos⁵. Compostos raiz são centrados em nomes (e.g. ing. *bookshelf* ‘prateleira de livros’). Os endocêntricos se referem a um subtipo do núcleo do composto (e.g. ing. *blackbird* ‘pássaro preto’ é um subtipo de pássaro). Diferentemente dos endocêntricos, os exocêntricos não se referem a um subtipo do núcleo do composto (e.g. ing. *pie-eyed* ‘muito bêbado’ não é um subtipo nem de *pie* ‘torta’ nem de *eye* ‘olho’). Compostos copulativos ou coordenados são aqueles que se referem a entidades ou características constituídas pelos dois elementos mencionados no composto (e.g. ing. *bitter-sweet* ‘agri-doce’). Finalmente, os compostos sintáticos são aqueles cujo núcleo é um verbo e o outro elemento, numa sentença, desempenharia o papel de seu complemento (e.g. ing. *hair-dryer* ‘secador de cabelos’).

Neste trabalho, analisamos sinais da libras que nomeiam bairros da capital curitibana, objetivando verificar se neles manifestam-se processos de criação lexical semelhantes aos que, segundo Velupillai (2012), são atestados nas mais variadas línguas orais, bem como processos exclusivos às línguas sinalizadas, os quais serão apresentados na seção 1, a seguir. Nossas fontes de dados e os critérios que adotamos para classificá-los, por sua vez, serão descritos na seção 2. Na seção 3, summarizamos nossos resultados e, na seção 4, fechamos o texto, apresentando nossas considerações finais.

1 A formação de palavras nas línguas sinalizadas

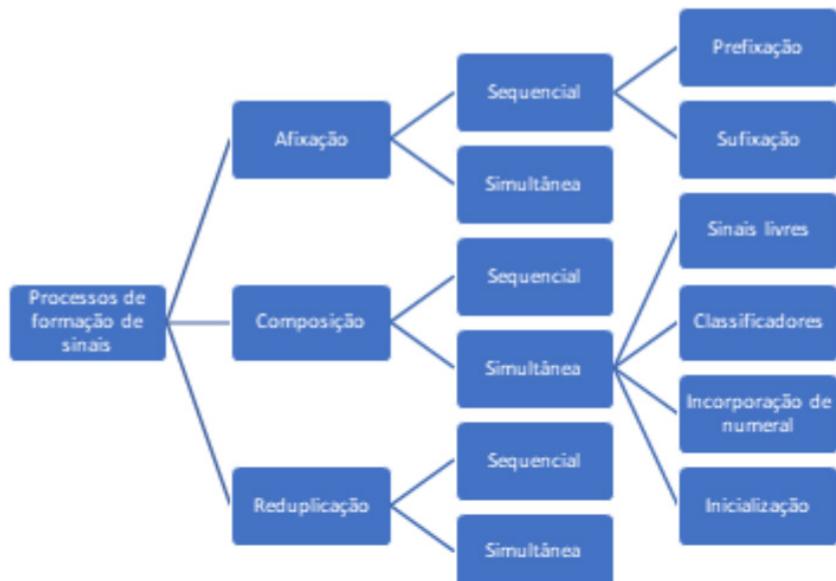
123

De acordo com Meir (2012), as línguas de sinais, semelhantemente às línguas faladas, formam novos itens lexicais através da ‘afixação’, ‘composição’ e ‘reduplicação’. Entretanto, as línguas de sinais se diferenciam das línguas orais por manifestarem tais processos não apenas de forma concatenativa, ou seja, sequencial, mas também de forma não concatenativa, isto é, simultânea. A autora propõe ainda que compostos simultâneos, em que cada mão produz um morfema diferente, se manifestam de quatro formas. Em uma delas, as partes podem ocorrer livremente, em outra, elas representam classificadores, ou seja, configurações de mão que remetem a entidades, seu manuseio ou sua forma (JOHNSTON; SCHEMBRI, 2007). Uma terceira subcategoria abrange casos em que a configuração de mão muda para indicar um numeral (incorporação de numeral) e uma quarta, formações cuja configuração original é substituída por uma pertencente ao alfabeto manual para que assim possa se referir à letra inicial da palavra escrita correspondente em português (inicialização). Essa tipologia de processos morfológicos é esquematizada

⁵ Para um tratamento mais aprofundando de compostos, ver Scalise e Bisetto (2009).

na Figura 1 e será ilustrada com exemplos reproduzidos de Meir (2012) na sequência.

Figura 1 – Tipos de processos de formação de sinais de acordo com Meir (2012)



Fonte: produzida pelos autores

Com base em Aronoff *et al.* (2004), Meir (2012) exemplifica a prefixação nas línguas de sinais citando a formação de alguns verbos da língua de sinais israelense, ISL (do inglês *Israeli Sign Language*), os quais, segundo ela, são iniciados por prefixos de sentido, expressos por meio de um apontamento para o olho, nariz, orelha, boca ou cabeça (cf. ‘discernir pela visão’, Figura 2a). Já a sufixação é ilustrada pela autora com um exemplo da língua de sinais americana, ASL (do inglês *American Sign Language*) reproduzido de Sandler e Lillo-Martin (2006). Trata-se do sinal ESTUDANTE, que resulta do acréscimo do sufixo -PESSOA à base verbal ESTUDAR para a formação do agente ‘estudante’ (Figura 2b).

124

Figura 2 – Exemplos de prefixação na ISL e de sufixação na ASL



ISL: OLHO AGUÇAD@
‘discernir pela visão’
(a)

Fonte: Aronoff *et al.* (2004, p. 24)

ASL: APRENDER PESSOA
‘estudante’
(b)

Fonte: Sandler e Lillo-Martin (2006, p. 66)

A afixação sequencial, segundo Meir (2012), ocorre, no entanto, mais raramente nas línguas de sinais. A autora considera que tal fato decorre da modalidade de produção e percepção dessas línguas, a qual favorece processos simultâneos. Ela cita como exemplo de afixação simultânea o

sinal AGIR-COMO-UM-BEBÊ da ASL (Figura 3b) que, de acordo com Klima e Bellugi (1979), é formado a partir da afixação de um morfema que altera as características do movimento do sinal primitivo BEBÊ (Figura 3a). Precisamente, por meio da afixação, o movimento para os lados original passa a ser para cima e para baixo e com uma amplitude maior.

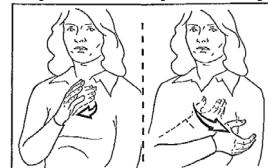
Figura 3 – Exemplo de afixação simultânea na ASL



Fonte: Klima e Bellugi (1979, p. 32)

Em relação à composição sequencial, Meir (2012) cita o sinal HEMATOMA da ASL (Figura 4), que, segundo Klima e Bellugi (1979), além de outras características típicas desse tipo de estrutura, apresenta também, como unidade lexical, um significado diferente do expresso por cada uma de suas partes. Isso é evidenciado pelo enunciado em (1) em que a predicação desse sinal com as palavras verde e amarelado não cria uma anomalia semântica, mesmo o composto em questão sendo constituído do sinal AZUL.

Figura 4 – Exemplo de composto sequencial na ASL



AZUL LUGAR

'hematoma'

Fonte: Klima e Bellugi (1979, p. 203)

125

- (1) AZUL⁶LUGAR VERDE, INDEFINID@ AMAREL@
 'Aquele hematoma é verde e amarelado.'

Fonte: Meir (2012, p. 98)

Com base em Brennan (1990) e Sutton-Spence e Woll (1999), Meir (2012) exemplifica o primeiro dos quatro tipos de compostos simultâneos que propõe, citando duas formações da língua de sinais britânica, BSL (do inglês *British Sign Language*): TTS⁷ (Figura 5a), referente a um terminal

6 Recurso gráfico usado por Klima e Bellugi (1979) para indicar que os sinais constituem um composto.

7 *Text To Speech Technology*.

telefônico para surdos, e NAVE-ESPACIAL (Figura 5b). Ambas as formas são constituídas por sinais que podem ocorrer isoladamente. A primeira, pelos sinais DIGITAR e TELEFONE, e a segunda, pelos sinais AVIÃO e FOGUETE, articulados, respectivamente, pela mão dominante (MD) e não-dominante (MND) simultaneamente.

Figura 5 – Exemplos de compostos simultâneos formados por sinais livres na BSL



MD: TELEFONE

MND: DIGITAR

‘telefone para surdos’

(a)

MD: AVIÃO

MND: FOGUETE

‘nave espacial’

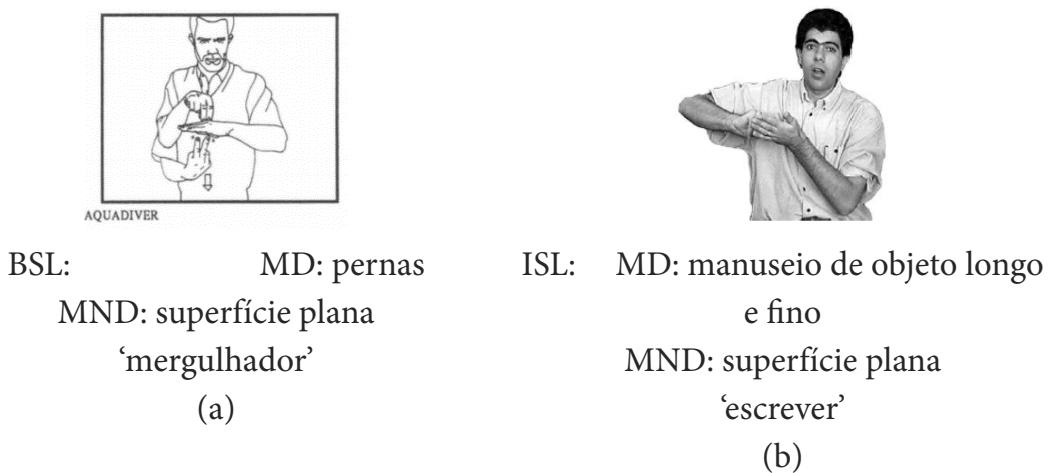
(b)

Fonte: Reproduzido de Brennan (1990, p. 51) Fonte: Sutton-Spence e Woll (1999, p. 103)

O segundo tipo de composto simultâneo, constituído por classificadores, é ilustrado por Meir (2012) por meio de um exemplo da BSL, reproduzido de Brennan (1990), e de um exemplo da ISL, reproduzido de Meir e Sandler (2008). Em ambos os casos, cada mão realiza uma configuração de mão classificadora. Em MERGULHADOR@ (Figura 6a) da BSL, a mão dominante (MD) representa as pernas de um ser humano, enquanto a mão não dominante (MND), a superfície da água. Já em ESCREVER (Figura 6b), a MD representa o manuseio de um objeto longo e fino, enquanto a MND, uma superfície plana.

126

Figura 6 – Exemplos de compostos simultâneos formados classificadores na BSL e na ISL



BSL:

MD: pernas

MND: superfície plana

‘mergulhador’

(a)

ISL: MD: manuseio de objeto longo

e fino

MND: superfície plana

‘escrever’

(b)

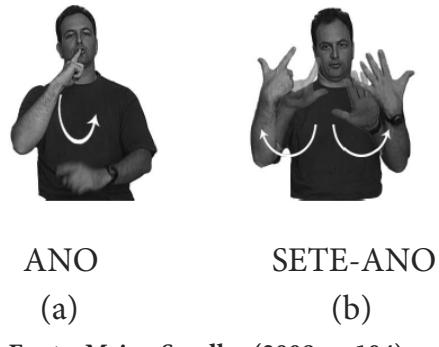
Fonte: Brennan (1990, p. 153)

Fonte: Meir e Sandler (2008, p.170)

O terceiro tipo de composto simultâneo, como dito anteriormente, consiste na incorporação de numeral, expressa pela mudança da configuração de mão de um dado sinal para expressar diferentes quantidades associadas a

ele. Meir (2012) ilustra esse processo com o sinal ANO (Figura 7a) da ISL, reproduzido de Meir e Sandler (2008), que pode ser realizado com diferentes configurações de mão a depender da quantidade de anos referida (Figura 7b).

Figura 7 – Exemplo de composto simultâneo formado por incorporação de numeral na ISL



Fonte: Meir e Sandler (2008, p. 104)

O quarto tipo, denominado inicialização, também já explicado, consiste na substituição da configuração de mão original de um dado sinal por outra que, no alfabeto manual, corresponde à inicial de uma palavra escrita de uma língua oral. Com isso, forma-se um sinal que, apesar de semanticamente relacionado à base, apresenta um significado distinto. Baseada em Brentari e Padden (2001), casos desse tipo são ilustrados por Meir através dos sinais FAMÍLIA, ASSOCIAÇÃO, TIME e DEPARTAMENTO, formados a partir do sinal GRUPO (Figura 8) através da substituição de sua configuração original ou nativa por uma que remete a primeira letra de uma palavra do inglês⁸.

Figura 8 – Exemplo de composto simultâneo formado por inicialização de uma base na ASL

127



⁸ Não foi necessário fazer aqui referência às palavras do inglês, língua com a qual a ASL está em constante contato, cuja inicial foi incorporada na formação desses sinais, porque elas são cognatas às suas traduções em português.

⁹ O leitor pode acessar o vídeo dos sinais aqui citados clicando em sua glosa.

Seguindo Brentari e Padden (2001), Meir (2012) inclui entre os sinais inicializados aqueles que não são formados a partir da substituição da configuração de mão de um sinal existente por outra que remete à inicial da palavra escrita correspondente, tal como ocorre com os que expressam cores na ASL (Figura 9).

Figura 9 – Exemplo de composto simultâneo formado por inicialização sem base na ASL



Adam (2012), no entanto, propõe que esses casos sejam tratados separadamente e, assim, que se reconheça através deles um outro processo de formação de sinais híbridos, que consiste na combinação de uma ou mais letras do alfabeto manual com outros parâmetros fonológicos da língua de sinais. Como se verá na seção seguinte e na 3.2, adotamos esse mesmo tratamento, embora reconheçamos que haja casos em que a distinção entre sinais formados por letras e sinais inicializados não seja fácil.

Por fim, Meir (2012) ilustra a reduplicação sequencial mostrando que, em línguas como a ASL, tal processo é empregado para mudar a categoria gramatical de uma palavra, por exemplo, para formar advérbios a partir de nomes ou nomes de verbos. Com base em Klima e Bellugi (1979), a autora exemplifica esse último caso por meio do sinal AQUISIÇÃO (Figura 10b) da ASL que é realizado através da repetição, de forma reduzida, do movimento do sinal primitivo, OBTER (Figura 10a), duas ou três vezes¹⁰.

Figura (10). Exemplo de reduplicação sequencial na ASL



Fonte: Klima e Bellugi (1979, p. 201)

10 É importante mencionar que, segundo Johnston e Schembri (2007, p. 127), na língua de sinais australiana, Auslan (do inglês *Australian Sign Language*), para muitos sinalizantes nativos essa distinção formal entre verbos e nomes não parece ser obrigatória.

Meier explica ainda que a reduplicação simultânea se manifesta por meio da duplicação de mãos, ou seja, da realização, com duas mãos, de um sinal monomanual. A autora ilustra tal caso com a forma recíproca de alguns verbos na ISL, entre eles, RESPONDER (Figura 11a). Como mostra a Figura (11b), tal forma é produzida com duas mãos movendo-se alternadamente.

Figura 11 – Exemplo de reduplicação simultânea na ISL



RESPONDER

(a)

Fonte: Meir e Sandler (2008, p. 64)

‘diálogo consistindo de perguntas e
 respostas’

(b)

Fonte: Meir e Sandler (2008, p. 44)

De acordo com Meir (2012), raramente esse processo é empregado para criar novas palavras, mas sim para modular uma mesma palavra, por exemplo, para expressar intensidade, tal como reportam Johnston e Schembri (1999) a respeito da língua de sinais australiana, Auslan.

Johnson e Schembri (2007) citam ainda dois outros processos de formação lexical na Auslan decorrentes do contato com a língua majoritária, neste caso, o inglês. Um deles consiste na lexicalização de soletrações manuais de palavras do inglês, tal como ocorre no sinal HOW ‘como’ (Figura 12a), formado a partir das letras manuais H e W. O outro resulta da tradução literal de expressões do inglês, ou seja, de calques, como ilustra o composto BREAKDOWN¹¹ ‘quebrar, enguiçar’, formado pelos sinais QUEBRAR e PARA-BAIXO (Figura 12b).

11 Johnston e Schembri (2007, p. 184) reportam que há uma forma nativa preferida para expressar esse mesmo conceito, mas que a forma em questão é aceita por muitos membros da comunidade surda australiana.

Figura 12 – Exemplo (a) de sinal oriundo da soletração manual de palavra do inglês e (b) de calque na Auslan



HOW ‘como’

(a)

BREAK ‘quebrar’ DOWN ‘para baixo’

BREAKDOWN ‘quebrar, enguiçar’

(b)

Fonte: Johnston e Schembri (2007, p. 182, 184)

2 Método

Os sinais da libras referentes a bairros de Curitiba que analisamos neste trabalho provêm de duas fontes. Uma delas é o *corpus* de Ferreira e Xavier (2019), formado a partir de elicições realizadas com sinalizantes surdos residentes de longa data na referida cidade. Até o presente, esse *corpus* é constituído de sinais para 38 bairros. A outra fonte é o canal no Youtube do Centro de Apoio ao Surdo e aos Profissionais da Educação de Surdos, CAS-Curitiba¹², no qual foram disponibilizados vídeos contendo sinais para 40 bairros curitibanos¹³. 25 bairros, indicados em verde no Quadro 2, foram igualmente abrangidos pelas duas fontes, embora nem sempre apresentando o mesmo sinal para eles. Consequentemente, mesmo com a junção de todos esses dados, apenas obtivemos sinais para 51 dos 75 bairros curitibanos.

12 <https://www.youtube.com/watch?v=DtPnZgEi2ig&list=PLedTQTH4eioJHlMH3DkNrmVWxaK5NcaFv>

13 A *playlist* inclui outros seis sinais que não se referem a bairros e por isso foram desconsiderados. Além disso, nesse canal são documentados um sinal para Ecoville, que não é oficialmente um bairro e se refere a uma região entre os bairros Mossunguê, Campina do Siqueira e Campo Comprido, e para Champagnat, que é um nome extraoficial e alternativo para Bigorrilho. Apesar disso, esses dois sinais foram incluídos em nosso *corpus*.

Quadro 2 – Bairros abrangidos pelas fontes de dados deste estudo classificados como exclusivos e comuns entre as fontes

Ferreira e Xavier (2019)		CAS	
Exclusivos (13)	Comuns		Exclusivos (13)
	Iguais (18)	Diferentes (7)	
BAIRRO-ALTO BARREIRINHA PILARZINHO NOVO-MUNDO PAROLIN ABRANCHES CENTRO PRADO-VELHO REBOUÇAS SÃO-FRANCISCO MOSSUNGUE SÃO-BRAZ VISTA-ALEGRE	CIC CAPÃO-RASO CAMPINA-DO-SIQUEIRA CAJURU CABRAL BOQUEIRÃO BOA-VISTA ÁGUA-VERDE BACACHERI UMBARÁ SÍTIO-CERCADO SEMINÁRIO SANTA-CÁNDIDA PORTÃO PINHEIRINHO JARDIM-BOTÂNICO HAUER FAZENDINHA	AHÚ ATUBA BATEL BOM-RETIRO MERCÉS XAXIM JARDIM-DAS-AMÉRICAS	VILA-IZABEL UBERABA LINDÓIA SANTA-FELICIDADE SANTA-QUITÉRIA TARUMÁ GUAÍRA FANNY CRISTO-REI ALTO-BOQUEIRÃO BIGORRILHO/ CHAMPAGNAT CAMPO-COMPRIDO CAMPO-DA-IMBUIA

Fonte: produzido pelos autores

Esses sinais foram categorizados levando-se em conta não apenas a classificação proposta por Meir (2012), sumarizada na Figura 1 acima. Combinamos a ela a classificação de Ferreira e Xavier (2019), de acordo com a qual distinguem-se formações nativas, ou seja, criadas pela comunidade surda, explorando aspectos visuais de referentes associados aos lugares e sem a interferência ou incorporação de elementos do português, de formações híbridas, isto é, constituídas de elementos da libras e do português. Nessa classificação, ainda se distinguem, entre os híbridos, os calques, as formas soletradas, inicializadas e topônimos formados por uma letra do alfabeto manual combinada com outros parâmetros fonológicos da libras e, do ponto de vista morfológico, se tais sinais são simples ou compostos.

131

3 Resultados

Foram levantadas, do corpus de Ferreira e Xavier (2019) e dos sinais disponibilizados no canal do Youtube do CAS-Curitiba, 82 formas topográficas. Sua análise revelou, primeiramente, a ocorrência de variação fonológica em sinais para sete bairros. Além disso, observamos também variação morfológica em sinais para 4 bairros e variação lexical em sinais para 14 bairros. Já sua categorização com base na combinação da classificação de processos de criação de palavras proposta por Meir (2012) e de tipos de topônimos propostos por Ferreira e Xavier (2019) revelou 16 diferentes padrões de formação lexical entre os sinais investigados (75 das 82 formas levantadas, uma vez que sete delas eram variantes fonológicas). Por fim, à luz de Frishberg e Gough (1973), foram identificadas famílias de topônimos, ou seja, grupos de sinais que compartilham uma mesma característica formal, precisamente, o ponto de articulação, e, provavelmente, um traço semântico

ou motivacional. Esses três conjuntos de achados serão apresentados respectivamente nas subseções seguintes.

3.1 Variação fonológica, morfológica e lexical

Identificamos variação fonológica em sinais referentes a sete bairros curitibanos, ou seja, identificamos diferentes formas de produção de um mesmo topônimo do ponto de vista da pronúncia de seus aspectos sublexicais. Os padrões de variação estão entre os identificados por Xavier e Barbosa (2014) para sinais não topográficos da libras. Precisamente, observamos que os sinais podem variar em sua configuração de mão no que diz respeito a serem produzidos com diferentes configurações nativas (cf. os registros das variantes para os bairros Bacacheri e Água Verde, Quadro 3) ou a extensão ou não do polegar (cf. os registros das variantes para o bairro São Braz, Quadro 3). Além de variação na configuração de mão, encontramos também variação no movimento (cf. os registros das variantes para os bairros Cajuru e Seminário, Quadro 3), bem como no número de mãos (cf. os registros das variantes para os bairros Hauer e Cabral, Quadro 3).

Quadro 3 – Casos de variação fonológica

Variação	Bairro	Variante 1	Variante 2
Configuração de mão	Bacacheri		
	Água Verde	 > 	 > 
	São Braz	<u>Sem polegar</u>	<u>Com polegar</u>
Movimento	Cajuru	<u>Rotação do pulso</u>	<u>Reto</u>
	Seminário	<u>Circular</u>	<u>Em cruz</u>
Número de mãos	Hauer	<u>2 mãos</u>	<u>1 mão</u>
	Cabral	<u>1 mão</u>	<u>2 mãos</u>

Fonte: produzido pelos autores

Também identificamos quatro casos de variação morfológica. Dois deles (cf. as variantes para os bairros CIC e Santa Felicidade no Quadro 4) foram realizados como um composto/sintagma ou como uma forma simples, correspondente a uma das partes da forma complexa. Dois outros (cf. as variantes para os bairros Sítio Cercado e Batel) variaram entre uma forma nativa simples e uma forma inicializada, ou seja, híbrida e simultaneamente composta por uma base nativa e uma letra do alfabeto.

Quadro 4 – Caso de variação morfológica

Bairro	Variante 1	Variante 2
CIC	<u>FÁBRICA^CIC</u>	<u>CIC</u>
Santa Felicidade	<u>Sorriso (0:13)</u>	<u>Sorriso^F (0:17)</u>
Sítio Cercado	<u>Nativa</u>	<u>Inicializada</u>
Batel	<u>Nativa</u>	<u>Inicializada</u>

Fonte: produzido pelos autores

Por fim, observamos também 14 casos de variação lexical que, semelhantemente aos descritos por Silva (2014) em seu estudo sobre a expressão do conceito ‘mãe’ em libras, representam formas alternativas e lexicalmente independentes para nomear o mesmo referente (Quadro 5).

Quadro 5 – Casos de variação lexical

Bairro	Variante 1	Variante 2	Variante 3
Santa Cândida	<u>LOC: antebraço</u>	<u>LOC: tronco</u>	
Fazendinha	<u>VACA^F</u>	<u>FF</u>	
Pinheirinho	<u>LOC: nariz</u>	<u>LOC: tronco</u>	
São Braz	<u>GG</u>	<u>S-B</u>	
Vista Alegre	<u>VS</u>	<u>calque</u>	
Xaxim	<u>Soletração</u>	<u>Formado por letra</u>	
Ahú	<u>CADEIA</u>	<u>A-(H)-U</u>	
Batel	<u>Inicializado</u>	<u>Frescura</u>	
Bom Retiro	<u>R</u>	<u>BOM^ACAMPAMENTO</u>	
Mercês	<u>TORRE^M</u>	<u>TORRE^COBERTURA</u>	
Atuba	<u>Montar a cavalo</u>	<u>Hipódromo</u>	
Vila Izabel	<u>VI (0:09)</u>	<u>BONÉ (0:13)</u>	
Uberaba	<u>Uma mão com movimento circular</u>	<u>Duas mãos com configurações diferentes e com movimento reto</u>	
Jardim das Américas	<u>Sinal nativo</u>	<u>Sinal AMÉRICA com movimento circular</u>	<u>Composto formado por EUA e outra forma</u>

Fonte: produzido pelos autores

O tratamento dessas formas como variantes lexicais e não como variantes fonológicas se sustenta, em primeiro lugar, nas consideráveis diferenças fonológicas entre elas. Comparem-se, por exemplo, as variantes para Ahú: AHÚ-1 e AHÚ-2. A primeira, uma extensão semântica do sinal CADEIA, é realizada com duas mãos, em frente ao corpo do sinalizante, configuradas em V, ou seja, com os dedos indicador e médio estendidos e abduzidos, e com movimento de tocar repetidamente o dorso dos dedos da mão não dominante, passiva, realizado pela mão dominante, ativa. Já a segunda consiste na soletração manual, realizada com uma mão, da primeira e da última letra que constitui a palavra escrita ‘ahú’. A letra ‘h’ é produzida

parcialmente, apenas através do movimento de girar o antebraço. Essa variante apresenta, portanto, duas configurações de mão, produzidas em sequência e diferentes daquela observada na primeira variante. Some-se a isso o fato de ser realizada em um ponto de articulação diferente, em frente ao ombro ipsilateral e com movimento que muda de uma configuração para outra. Além disso, apoiamo-nos nas diferentes motivações icônicas que elas apresentam. No caso em tela, vemos na primeira variante uma referência ao presídio que existia na região, e na segunda à palavra escrita do português.

Ainda que fonologicamente mais semelhantes, analisamos as variantes para o bairro Santa Cândida, uma realizada no antebraço e a outra no tronco, da mesma maneira, pois, como se verá na seção 3.3, essa diferença formal nos parece remeter a diferentes motivações: o antebraço parece representar uma espécie de placa na forma de uma viga em que se coloca o nome de terminais de ônibus em Curitiba; já o tronco, assim como o caso do sinal CRISTO-REI, parece remeter a uma faixa ou algum aspecto das vestes de imagens ou estátuas de santos.

Como se verá na seção seguinte, podemos evocar ainda, como argumento para o tratamento dessas formas como variantes lexicais o fato de, em alguns casos, elas terem sido formadas através de processos diferentes. Uma das variantes que designa o bairro Vista Alegre aparentemente foi formada por inicialização, ou seja, substituição da configuração de mão em B do sinal BAIRRO, pela configuração em V, referente à inicial da segunda palavra do topônimo em português (cf. VISTA-ALEGRE-1). Já a outra variante resulta da tradução literal do topônimo do português para a libras, ou seja, se caracteriza como um calque (cf. VISTA-ALEGRE-2).

3.2 Processos de formação lexical atestados em topônimos

Levando em consideração a classificação inicial proposta no trabalho de Ferreira e Xavier (2019), analisamos todos os dados que formam o *corpus* desta pesquisa separando formações nativas, ou seja, criadas sem incorporação de elementos do português, de formações híbridas, isto é, constituídas de letras do alfabeto manual que fazem referência ao topônimo correspondente em português¹⁴ ou influenciadas pela semântica do topônimo do português (calques). Dentro de cada uma dessas macro-categorias, distinguimos as formações simples das compostas¹⁵ e, com isso, separamos topônimos formados por um único morfema (isso inclui, pelo menos provisoriamente,

14 Para um estudo preliminar sobre formações híbridas no léxico não toponímico da libras, ver Pinheiro e Xavier (2019).

15 Usamos o termo composto aqui por conveniência, mas reconhecemos que mais estudos sobre essas formações são necessários para determinar se elas são compostos verdadeiros ou estruturas sintagmáticas. Para uma descrição e análise de compostos no léxico não toponímico da libras ver Rodero-Takahira (2015) e Rodero-Takahira e Scher (2020).

alguns sinais formados por uma letra do alfabeto manual e outros parâmetros fonológicos da libras, que, até onde sabemos, não têm estatuto morfêmico muito claro, como discutiremos na seção seguinte).

Com base em Meir (2012), bifurcamos as subcategorias ‘composto’ em sequencial e simultâneo, para distinguir estruturas em que morfemas são produzidos de modo concanetativo daquelas em que eles são produzidos de forma não-concatenativa. Entre os compostos sequenciais, diferenciamos os que representam traduções literais de topônimos compostos do português, calques, daqueles que são formados por soletração apenas das iniciais de cada parte do topônimo correspondente naquela língua, soletração completa ou parcial do topônimo em português, ou ainda formados por uma forma livre seguida de uma letra ou de uma soletração. No caso dos compostos simultâneos, distinguimos os tipos observados por Brennan (1990) na BSL, ou seja, formados por dois lexemas nativos realizados ao mesmo tempo, um em cada mão (nativo>composto>simultâneo), dos compostos híbridos constituídos pela combinação sequencial de uma forma livre com uma forma presa ou com uma letra do alfabeto manual, ou simultaneamente pela inicialização, pela combinação de uma letra do alfabeto manual com outros parâmetros fonológicos, ou ainda formado por duas letras produzidas ao mesmo tempo, uma por cada mão (cf. [CAJURU-1](#)) ou pela mesma mão (cf. ; [VILA-IZABEL-1](#)). Foi necessário ainda incluir entre os sinais híbridos a categoria ‘misto’ para reunir sinais formados por composição simultânea e sequencial ao mesmo tempo (cf. [CRISTO-REI](#), em que depois de produzir um composto simultâneo em que se combinam a letra manual C, em referência à inicial de Cristo, e o tronco em referência a uma faixa ou aspectos de suas vestes, se realiza o sinal de REI). A Figura 13 a seguir mostra as categorias criadas a partir de Meir (2012) e Ferreira e Xavier (2019), com adaptações e acréscimos que realizamos para acomodar os dados aqui analisados.

Figura 13 – Tipos de processos de formação de sinais identificados nos dados analisados



Fonte: produzido pelos autores

136

Na figura acima, listamos os 16 tipos de processos de formação de sinais identificados nos dados analisados. No Quadro (6), abaixo, registramos os dados encontrados para cada tipo de processo de formação por ordem de maior ocorrência.

Quadro 6 – Dados categorizados de acordo com os tipos apresentados na Figura 12 e ranqueados pela frequência

Tipo de processo de formação	Quantidade	Sinais
A	19	<u>VILA-IZABEL-2</u> ; <u>TARUMÃ</u> ; <u>BIGORRILHO</u> ; <u>SANTA-FELICIDADE-1</u> ; <u>ATUBA-1</u> ; <u>JARDIM-DAS-AMÉRICAS-3</u> ; <u>SÍTIO-CERCADO-1</u> ; <u>PILARZINHO</u> ; <u>PAROLIN</u> ; <u>AHÚ-1</u> ; <u>BATEL-2</u> ; <u>BATEL-3</u> ; <u>ABRANCHES</u> ; <u>CABRAL</u> ; <u>JARDIM-BOTÂNICO</u> ; <u>REBOUÇAS</u> ; <u>CAPÃO-RASO</u> ; <u>SÃO-BRAZ-1</u> ; <u>SANTA-QUITÉRIA</u> .
E	17	<u>GUAÍRA</u> ; <u>FANNY</u> ; <u>UBERABA-1</u> ; <u>UBERABA-2</u> ; <u>PINHEIRINHO-1</u> ; <u>SEMINÁRIO-1</u> ; <u>BARREIRINHA</u> ; <u>BOQUEIRÃO</u> ; <u>HAUER-1</u> ; <u>XAXIM-2</u> ; <u>XAXIM-4</u> ; <u>UMBARÁ</u> ; <u>FAZENDINHA-2</u> ; <u>FAZENDINHA-3</u> ; <u>PORTÃO</u> ; <u>BOM-RETIRO-1</u> ; <u>CAMPO-COMPRIDO</u> .
K	6	<u>SÍTIO-CERCADO-2</u> ; <u>BATEL-1</u> ; <u>TATUQUARA</u> ; <u>ALTO-BOQUEIRÃO</u> ; <u>LINDÓIA</u> ; <u>VISTA-ALEGRE-1</u> .
F	6	<u>BAIRRO-ALTO</u> ; <u>BOA-VISTA</u> ; <u>ÁGUA-VERDE</u> ; <u>NOVO-MUNDO</u> ; <u>BOM-RETIRO-2</u> ; <u>VISTA-ALEGRE-2</u> .
P	5	<u>SANTA-CÂNDIDA-1</u> ; <u>SANTA-CÂNDIDA-2</u> ; <u>CAMPO-DO-SIQUEIRA</u> ; <u>CAPÃO-DA-IMBUIA</u> ; <u>CRISTO-REI</u> .
B	4	<u>MERCÊS-2</u> ; <u>MOSSUNGUÊ</u> ; <u>ATUBA-2</u> ; <u>JARDIM-DAS-AMÉRICAS-2</u> .
H	4	<u>XAXIM-1</u> ; <u>AHÚ-2</u> ; <u>SÃO-FRANCISCO</u> ; <u>SÃO-BRAZ-3</u> .
I	3	<u>FAZENDINHA-1</u> ; <u>MERCÊS-1</u> ; <u>SANTA-FELICIDADE-2</u> .
D	2	<u>CENTRO</u> ; <u>JARDIM-DAS-AMÉRICAS-1</u> .
G	2	<u>XAXIM-3</u> ; <u>CIC-2</u> .
J	2	<u>CIC-1</u> ; <u>PRADO-VELHO</u> .
O	2	<u>CAJURU-1</u> ; <u>VILA-IZABEL-1</u> .
M	1	<u>PINHEIRINHO</u> .
L	1	<u>BACACHERI-1</u> .
C	1	<u>ECOVILLE</u>
N	1	<u>CHAMPAGNAT</u>
TOTAL	75	

Fonte: produzido pelos autores

Na amostra analisada, foram mais frequentes os topônimos nativos (19) e os formados por meio da combinação de uma letra com outros parâmetros fonológicos da libras (17). Entre os primeiros, sete resultam da extensão do uso de nomes comuns para a nomeação de bairros, aparentemente por meio de um processo metonímico (cf. boné em VILA-IZABEL-2 e roda-gigante em BIGORRILHO). 12, no entanto, parecem ser criações exclusivas para remeter a algum elemento associado ao bairro (cf. abóbada da estufa em JARDIM-

BOTÂNICO e teatro Paiol¹⁶ em PAROLIN). A análise desses casos foge do escopo deste trabalho e por isso remetemos o leitor a Xavier e Santos (2016) e Xavier e Ferreira (a sair). É digno de nota que os topônimos inicializados, um tipo de composto simultâneo, e os formados por calque foram, respectivamente, o segundo e o terceiro padrão mais frequente nos dados.

É importante dizer que a classificação apresentada no Quadro 6 é embasada nas informações de que dispomos sobre os topônimos coletados e restringida por elas. O conhecimento de duas variantes para o bairro Batel – uma nativa e também usada para se referir à primeira Igreja Batista de Curitiba, localizada naquele bairro (cf. BATEL-2) e outra com a mão dominante ativa configurada em B (cf. BATEL-1) – nos levou a tratar a segunda variante como sendo formada por inicialização. Diferentemente, apesar da sua semelhança com a variante inicializada de Batel, tratamos os topônimos UBERABA-2 e BOM-RETIRO-1, por exemplo, como sinais formados através da combinação de uma letra do alfabeto manual, respectivamente, U e R, com outros parâmetros fonológicos da libras, por não conhecermos uma variante ou um sinal relacionado que pode ter lhes servido como base. Nesse sentido, embora acreditemos que os tipos de formações propostos retratem os processos de criação lexical em uso na libras, entendemos que a classificação de alguns sinais esteja suscetível a mudanças diante de evidências contrárias à aqui proposta.

3.3 Famílias de palavras

138

Frishberg e Gough (1973) observaram na ASL a recorrência de um mesmo tipo de movimento, ou de uma mesma configuração de mão, ou ainda de uma mesma localização associada ao compartilhamento de um traço semântico entre sinais diferentes. Com isso elas identificaram famílias de sinais naquela língua. Entre elas, as autoras reportam uma formada por sinais realizados com movimento enérgico que expressam a ideia de intensidade, outra constituída por sinais feitos com a configuração de mão em V (dedos indicador e médio estendidos e demais fechados) e que se relacionam à visão e, por fim, uma família formada por sinais realizados no nariz, que remetem a um significado negativo.

Baseada em Fernald e Napoli (2000), Meir (2012) chama a atenção para o fato de que esses casos se assemelham ao que é referido na análise das línguas faladas como *simbolismo sonoro*. Segundo ela, esse fenômeno diz respeito à

“habilidade de certos sons ou combinações deles carregarem ‘imagens sonoras’ específicas que acompanham campos semânticos” (Meir, 2012, p. 11).

16 Na verdade, o Teatro Paiol fica no bairro vizinho Prado Velho.

ticos específicos, tais como *fl-* representando uma substância líquida em movimento, como em *flow* (fluxo), *flush* (dar descarga), *flood* (enchente), ou *fluid* (fluido). Contudo, pode-se encontrar famílias de palavras em Inglês começando com *wh-*. O glide labial carrega o significado interrogativo dentro de um conjunto específico de palavras e pode contrastar com a fricativa interdental vozeada em pares como ‘*then*’ (então)/ ‘*when*’ (quando) e ‘*there*’ (aí, lá)/ ‘*where*’ (onde), o primeiro carregando o significado de ‘definitude’, como em ‘*the*’ (o(s), a(s)), *that* (aquele(a)), *this* (este(a)), *those* (aqueles(as))¹⁷. (MEIR, 2012, p. 80, tradução nossa)

Ainda a esse respeito, Meir (2012) ressalta que não está claro se a formação dessas famílias de palavras é derivacional ou mesmo se a relação entre essas palavras é de ordem morfológica. A própria natureza desses elementos, nas línguas de sinais principalmente, vem sendo disputada. Para se referir a esses elementos submorfêmicos, Fernald e Napoli (2000) propõem uma nova unidade linguística a que chamam de *morfema iônico*. Porém, o *fonestema*, unidade proposta para se referir a unidades fonológicas significativas, poderia ser considerada como uma possível categoria analítica para eles (PERNIS; THOMPSON; VIGLIOCCO, 2010).

Apesar da falta de clareza quanto ao estatuto analítico dessas unidades, observamos que elas também figuram na formação dos topônimos aqui analisados. Precisamente, identificamos quatro conjuntos de sinais que compartilham o mesmo ponto de articulação: o antebraço, a face, a mão não dominante (MND) configurada em B (todos os dedos estendidos e unidos pelas laterais) e o tronco (Quadro 7).

Quadro 7 – Famílias de topônimos identificadas entre os sinais analisados

	Antebraço	Face	MND em B	Tronco
Sem letra			<u>REBOUÇAS</u> <u>CAPÃO-RASO</u>	
Formado por letra(s)	<u>SANTA-CÂNDIDA</u> <u>CAMPINA-DO-</u> <u>SIQUEIRA</u> <u>CAMPO-</u> <u>COMPRIDO</u> <u>CAPÃO-DO-</u> <u>IMBUIA</u> <u>LINDÓIA</u>	<u>FANNY</u> <u>GUAIÁRA</u>	<u>XAXIM</u> <u>PORTÃO</u> <u>BATEL</u> <u>BOM-RETIRO</u> <u>UBERABA</u>	<u>PINHEIRINHO</u> <u>CRISTO-REI</u> <u>SANTA-CÂNDIDA</u>

Fonte: produzido pelos autores

17 “...the ability of certain sounds or combination of sounds to carry specific ‘sound images’ that go with particular semantic fields, such as *fl-* representing a liquid substance in motion, as in *flow*, *flush*, *flood*, or *fluid*. Yet one can find word families even in more grammatical domains. For example, most question words in English begin with *wh-*. The labial glide carries the interrogative meaning within a specific set of words, and it may contrast with the voiced interdental fricative in pairs like ‘*then/when*’ and ‘*there/where*’, the latter (sic) carrying the meaning of ‘definiteness’, as in *the/that/this/those/*.

Embora a segunda autora deste trabalho, surda, sinalizante fluente e paranaense, hipotetize que o antebraço nos sinais SANTA-CÂNDIDA, CAMPINA-DO-SIQUEIRA, CAMPO-COMPRIDO, CAPÃO-DO-IMBUIA e LINDÓIA remeta a uma espécie de placa no formato de uma viga com o nome do terminal (Figura 14), mais pesquisa é necessária para confirmar essa hipótese, bem como determinar a contribuição semântica das outras localizações.

Figura 14 – Possível motivação para topônimos em que o antebraço é um aspecto recorrente



Fonte: <https://omensageiro77.wordpress.com/2015/02/24/portal-da-zona-oeste/zona-oeste/>

4 Considerações finais

Embora não seja o objetivo deste trabalho comparar topônimos da libras com seus correspondentes em português, chama-nos a atenção o fato de que muitos de nossos achados não representam uma particularidade da libras e, possivelmente por extensão, das línguas gestuais-visuais. Precisamente, nos topônimos das línguas orais também se observam, por exemplo, variação fonológica (cf. diferentes pronúncias do rótico em ‘Portão’), variação morfológica (cf. Jardim Botânico ou Botânico) e variação lexical (cf. Bigorrilho ou Champagnat; Cidade Industrial ou CIC). Além disso, essas palavras também podem ser nativas do português (Cf. Ganchinho, Centro, Cabral, Novo Mundo, Alto da Glória) ou resultantes de um processo de empréstimos de línguas indígenas (cf. Umbará, Atuba, Tarumã, Xaxim, Tatuquara) ou de outras línguas (cf. al. Hauer e Fanny, fr. Riviera, ing. Orleans, it. Parolin). Há ainda topônimos híbridos (cf. Butiatuvinha, formado por *boteatuba*, certamente de origem indígena, e o sufixo *-inho* do português). Do ponto de vista de sua estrutura, assim como na libras, topônimos em português podem ser simples (cf. Batel, Mercês) ou formados por mais de uma palavra (cf. Santa Cândida, Jardim das Américas) e, conforme se pode ver no Quadro (8), resguardadas as diferenças, eles também podem se reunir em famílias.

Quadro 8 – Famílias de topônimos identificadas entre os nomes de
bairros curitibanos em português

Nome de santo(a)	Jardim	Alto	Campo
Santa Quitéria	Jardim Botânico	Alto Boqueirão	Campo Comprido
Santa Cândida	Jardim Social	Alto da Glória	Campo de Santana
São Lourenço	Jardim das Américas	Alto da Quinze	
São Francisco			
Santa Felicidade			
Santo Inácio			
São Braz			
São João			

Fonte: produzido pelos autores

Apesar de todas essas semelhanças, há diferenças notáveis. Dentre os processos de criação de palavras listados por Velupillai (2012), atestamos apenas casos que se assemelham aos compostos, os quais, por sua vez, não se restringiram aos que Meir (2012) denomina sequenciais e são largamente atestados nas línguas faladas (cf. MERCÊS-2; MOSSUNGUÊ; ATUBA-2; JARDIM-DAS-AMÉRICAS-2).

Em comparação a processos de formação lexical observados nas línguas de sinais em geral, não atestamos nem casos de afixação nem de reduplicação dos dois tipos: sequencial e simultâneo. Atestamos, porém, 16 diferentes processos de formação lexical, sendo os sinais simples nativos (cf. VILA-IZABEL-2) e os simples formados por meio da combinação de uma letra do alfabeto manual com outros parâmetros fonológicos da libras (cf. GUÁIRA), os mais frequentes representando juntos 48% dos dados. Destacamos entre os 16 processos identificados os formados por composição simultânea, exclusivos às línguas sinalizadas e que representam 16% dos nossos dados. Por fim, identificamos também formações mistas, ou seja, topônimos que apresentam a soletração sequencial das iniciais dos dois nomes que o constituem em português, por exemplo, S e C em SANTA-CÂNDIDA-1 e SANTA-CÂNDIDA-2, e são realizados em uma localização semanticamente motivada: antebraço possivelmente em referência a uma placa no formato de uma viga, e torso, a uma faixa ou aspectos das vestes de imagens ou estátuas de santos.

Agradecimentos

Agradecemos à Profa. Maria Cristina Figueiredo e à Profa. Teresa Cristina Wachowicz, pela organização do V Colóquio de Morfologia, evento no qual pudemos apresentar o embrião deste trabalho e nos beneficiar dos valiosos comentários dos participantes. Agradecemos também ao CAS-

Curitiba pela documentação e disponibilização de topônimos referentes a bairros curitibanos, ao Danilo Marchetti Barbosa pela edição dos vídeos que ilustram nossos dados e à Elisane Conceição Alecrim pela leitura cuidadosa e ajuda com a checagem de todos os links incluídos no texto. Por fim, agradecemos aos pareceristas anônimos pela leitura cuidadosa e pelos vários comentários, correções e sugestões que muito nos ajudaram a aprimorar nosso texto.

Referências

ADAM, Robert. Language contact and borrowing. In: PFAU, Roland; STEINBACH, Markus; WOLL, Bencie. (Orgs.). *Sign language: An international handbook*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012. p. 841-861.

ARONOFF, Mark; MEIR, Irit; PADDEN, Carol.; SANDLER, Wendy. Morphological universals and the sign language type. In: BOOIJ, Geert E.; MARLE, Jaap van. (org.). *Yearbook of Morphology*. Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 2004. p. 19-38.

BRENNAN, Mary. *Word formation in British Sign Language*. Tese (Doutorado em Linguística), The University of Stockholm, Stockholm, 1990.

BRENTARI, Diane; PADDEN, Carol. A Lexicon with Multiple Origins. I) n: BRENTARI, Diane (ed.). *Native and Foreign Vocabulary in American Sign Language: A Cross-linguistic Investigation of Word Formation*, Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2001, 87-119.

CARVALHO, Nelly. *Empréstimos lingüísticos na língua portuguesa*. São Paulo: Cortez, 2009.

FERNALD, Theodore B.; NAPOLI, Donna Jo. Exploitation of morphological possibilities in signed languages: Comparison of American Sign Language with English. *Sign Language and Linguistics*, v. 3, n. 1, p. 3-58, 2000.

FERREIRA, Daiane; XAVIER, André Nogueira. Topônimos na libras: análise preliminar de sinais que designam bairros de Curitiba. In: XXI SEMANA DE LETRAS - UFPR - Universidade Federal do Paraná, Volume II, Curitiba, Trabalhos completos [...]. p. 6-18, 2019.

FRISHBERG, Nancy; GOUGH, Bonnie. Morphology in American Sign Language. Manuscript, The Salk Institute for Biological Studies. 1973, manuscrito. Publicado em *Sign Language & Linguistics*. 2000; n. 3: p. 103-131.

HOCKETT, Charles F. The Origin of Speech. *Scientific American*, 203. 1960.

JOLANTA A. LAPIA. *HandSpeak: A Sign Language Dictionary Online*, 1995-2021. Página inicial. Disponível em: <http://www.handspeak.com>. Acesso em: 03 de jul. de 2021.

JOHNSTON, Trevor; SCHEMBRI, Adam. *Australian Sign Language (Auslan): An introduction to sign language linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

JOHNSTON, Trevor; SCHEMBRI, Adam. On Defining Lexeme in a Sign Language. *Sign Language & Linguistics*, 2(1), 115-185, 1999.

KLIMA, Edward S.; BELLUGI, Ursula. *The Signs of Language*. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

MEIR, Irit. Word classes and word formation. In: PFAU, Roland; STEINBACH, Markus; WOLL, Bencie. (org.). *Handbook on Sign Language Linguistics*. Berlin: Mouton De Gruyter, 2012, 365-387.

MEIR, I.; SANDLER, W. *Language in Space: the Story of Israeli Sign Language*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2008.

PERNIS, Pamela; THOMPSON, Robin. L.; VIGLIOCCO, Gabriella. Iconicity as a general property of language: Evidence from spoken and signed languages. *Frontiers in psychology*, v. 1, p. 227, 2010.

143

PINHEIRO, Vinicius; XAVIER, André Nogueira. Análise preliminar de empréstimos linguísticos do português na libras via alfabeto manual. In: XXI SEMANA DE LETRAS - UFPR - Universidade Federal do Paraná, Volume II, Curitiba, Trabalhos completos [...]. p. 45-55, 2019.

RODERO-TAKAHIRA, Aline G. *Compostos na língua de sinais brasileira*. Tese (Doutorado em Linguística), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

RODERO-TAKAHIRA, Aline G.; SCHER, Ana Paula. Classificando os Compostos da Libras. *Porto Das Letras*, 6(6), 152-180, 2020.

SCALISE, Sergio; BISETTO, Antonietta. The classification of compounds. In: LIEBER, Rochelle; ŠTEKAUER, Pavol (org.). *The Oxford handbook of compounding*. New York: Oxford University Press, 2009, p. 34-53.

SANDLER, W.; LILLO-MARTIN, D. *Sign language and linguistic universals*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

SUTTON-SPENCE, R.; WOLL, B. The linguistics of British Sign Language; an introduction. Cambridge University Press, 1999.

SILVA. Simone Gonçalves de Lima. Variação sociolinguística: estudo de caso na língua brasileira de sinais *Revista Línguas & Letras*, vol. 15, n. 31, s.p., 2014. Disponível: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/10554/8195>

VELUPILLAI, Viveka. *An Introduction to Linguistic Typology*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2012.

XAVIER, André Nogueira; FERREIRA, Daiane. A iconicidade em processos de formação de sinais na libras. *Diadorim*. (a sair)

XAVIER, André Nogueira; SANTOS, Thyago. A Iconicidade na criação de termos técnicos em Libras. *Revista Leitura*, v. 1, n. 57, p. 60-103, 2016.

XAVIER, André Nogueira; BARBOSA, Plínio Almeida. Diferentes pronúncias em uma língua não sonora? Um estudo da variação na produção de sinais da Libras, *D.E.L.T.A*, v. 30, n. 2, p. 371-413, 2014. Disponível: <https://revistas.pucsp.br/delta/article/view/17784>